

ARTIGOS

ANTENOR-SIMONE-ANTENOR: PROTAGONISMO E INFORTÚNIOS DE UMA BICHA PODEROSA

Guilherme Rodrigues Passamani

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: grpassamani@gmail.com

Resumo: Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado sobre a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais, na região do Pantanal, com pessoas com condutas homossexuais maiores de 50 anos. A partir da trajetória de uma interlocutora, analiso a experiência de sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos, atentando para os diferentes regimes de visibilidade a que estão submetidos, bem como às mudanças que envolvem o lugar social da homossexualidade. Estas análises destacarão as performances de gênero, bem como um diálogo com a noção de transition e os conceitos de closet e wardrobe.

Palavras-chave: Visibilidade; Transição; Homossexualidade.

Abstract: The present paper is part of the reflections on my PhD research about the intersection between aging, memory and homosexual behavior, in Pantanal, on individuals over 50 years old presenting homosexual behavior,. From the trajectory of an interlocutor, I analyze the experience of subjects in regions that are not characterized as major urban centers, pointing to the different visibility regimes to which they are subjected, as well as changes that involve the social place of homosexuality. Such analysis will highlight not only the gender performances, but also the dialogue with the notion of “transition” and also the concepts of closet and wardrobe.

Keywords: Visibility; Transition; Homosexuality.

Introdução

Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais, ainda em curso, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, na linha de Estudos de Gênero. A referida investigação problematiza a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais¹ na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, nas cidades de Corumbá (108 mil habitantes) e Ladário (21 mil habitantes), nas cercanias da fronteira com a Bolívia. Durante o trabalho de campo, realizado entre julho de 2012 e fevereiro de 2014, buscou-se estabelecer contato com uma gama variada de pessoas com condutas homossexuais, maiores de 50 anos, residentes em ambas as cidades, para pensar trajetórias, curso da vida e possíveis idiosincrasias que poderiam existir na experiência destes sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos.

Ao longo do trabalho de campo, foram realizadas observações participantes, conversas informais e entrevistas semiestruturadas com os interlocutores. Este foi o principal roteiro metodológico seguido, a partir dos pressupostos necessários para a efetivação de uma etnografia. Também pareceu necessário, durante um período de oito meses, o estabelecimento de residência na região. O início da pesquisa se deu com um pré-campo, no qual foram feitas sondagens iniciais, capazes de tornar possível a entrada em campo, propriamente dita, por meio de contatos de pessoas ligadas a ONGs LGBT da cidade; servidores da UFMS – Campus do Pantanal; bem como por intermédio de sujeitos acessados nas salas de *chats* da cidade, na *internet*.

Para este artigo, destaco a trajetória e a experiência de uma interlocutora da pesquisa. Nomeá-la-ei como Simone (67 anos). Atualmente, Simone é conhecida na cidade como Antenor, pois deixou de *se montar*. No entanto, preferiu que eu lhe chamasse pelo seu *nome de guerra*. Ela é negra, de cabelos compridos e grisalhos, magra e caminha com muita dificuldade, em vista de ter perdido todos os dedos dos dois pés. Segundo alguns contatos, esta ocorrência foi resultado da utilização indevida de hormônios, em sua juventude, para provocar algumas transformações no seu corpo. Simone é pobre, vive em uma casa muito modesta, sem qualquer conforto, nos fundos de outra casa. Trata-se de um cômodo com banheiro, onde ela improvisou uma casa inteira. Sua companhia é seu cachorro.

1 Utilizo a expressão 'condutas homossexuais' a partir das propostas de John Gagnon (2006), na tentativa de articular prática e sentido entre sujeitos cujas trajetórias são bastante distintas entre si.

A expectativa que tenho, ao problematizar a trajetória de Simone neste artigo, é pensar os diferentes regimes de visibilidade² (Meccia, 2011) e as mudanças que correm no “lugar social da homossexualidade” (Carrara, 2005), tendo o curso da vida (Debert, 2004) da interlocutora como pano de fundo. Como cenário para tanto, tem-se uma cidade do interior do centro-oeste do Brasil, na região do Pantanal, na qual não existe um “mercado GLS” (França, 2012) e onde estes sujeitos aparecem na contramão de uma percepção da migração aos grandes centros como uma espécie de destino necessário para a realização plena da sexualidade, especialmente, a partir da metade do século XX (Green, 2000)³. Simone ficou na cidade de origem e, ali, nos interstícios das moralidades locais, construiu a sua vida como *bicha poderosa e glamorosa*.

De Antenor para Simone: entre assumir-se e transformar-se

Quando mais jovem e com mais saúde, Simone (67 anos) fora cabeleireira em Corumbá, cidade esta onde residiu por mais de 35 anos e fez *fama* na profissão, orgulhando-se de cuidar dos cabelos das *mulheres da sociedade*. Há pouco mais de 10 anos, Simone retornou para Ladário. Hoje, vive da ajuda de familiares e dos escassos recursos de uma aposentadoria por invalidez, paga pelo Governo Federal⁴.

É interessante destacar a causa imediata da volta de Simone à pequenina Ladário. Simone foi vítima de um atentado no salão de beleza em Corumbá. O salão foi assaltado e ela recebeu 12 facadas pelo corpo: *não morri por sorte, mas fiquei muito mal*. Os assaltantes levaram uma quantia inexpressiva, que não chegava a 200 reais, em valores atuais. Aquele sábado ficou marcado na mente de Simone. O fato de sentir-se muito perto da morte, mas, sobretudo, sentir-se indefesa diante da ação dos bandidos, a fez abandonar a profissão e voltar para Ladário, onde residem alguns de seus parentes mais próximos.

Embora Simone não se identifique como travesti, ela promoveu algumas alterações no corpo no sentido de tornar-se mais feminina, provocando assim um borramento das fronteiras entre os gêneros.⁵ Segundo alguns amigos de

2 Nas pesquisas de Ernesto Meccia (2011), os regimes de visibilidade funcionam como políticas específicas de visibilidade para as pessoas com condutas homossexuais, muito características em diferentes momentos históricos e sociais na cidade de Buenos Aires. Haveria, segundo o autor, dois polos no qual estas eras estariam dispostas. A homossexualidade e a gaycidade. Entre elas haveria os períodos: homossexual, pré-gay e gay, cada qual com suas especificações e “graus” de visibilidade e politização.

3 Além do trabalho de James Green, os de Carmen Dora Guimarães (2004) e João Silvério Trevisan (2000) também mostram a migração como uma espécie de destino para as pessoas com condutas homossexuais das pequenas cidades em direção a um grande centro, especialmente do sudeste.

4 Sobre a categoria dos aposentados, ver Julio Simões (2000).

5 A este respeito ver Carvalho (2011);

época, ao olhar para ela se sabia que “era um homem”, mas “ela era muito bonita e muito feminina”, diziam eles. Faço esta pequena ressalva, porque busco entender a violência do assalto ao seu salão de beleza a partir de alguns dados presentes na pesquisa de Roberto Efreim Filho (2013). O referido autor trabalha com questões que envolvem, genericamente, o cruzamento de violência, gênero e sexualidade nos estados de Pernambuco e Paraíba.

Alguns casos analisados por ele enfocam, justamente, o assassinato de travestis. Tais assassinatos apresentam-se com requintes de crueldade, em que o número excessivo de facadas, tiros ou afins são recorrentes. Efreim Filho assim pondera:

A injustificável quantidade de facadas – ou o seu lugar geográfico no corpo da vítima [...] diferencia os “crimes de ódio” dos crimes comuns, e mesmo dos passionais. As brutalidades exemplificam a crueldade. Esta pode até se achar associada a outros crimes [...], mas, segundo o Movimento LGBT, ela demonstra sobremaneira a presença da *homofobia* (EFREIM FILHO, 2013, p. 3).

Há casos trabalhados por Efreim Filho os quais sugerem que, segundo as autoridades policiais, os crimes seriam menos motivados por homofobia e mais, em razão de “vingança” ou “acerto de contas”, em função, na maior parte deles, de envolvimento correlatos com o tráfico de drogas e outros delitos. No entanto, também como reflete o autor, penso que a quantidade de facadas – as doze recebidas por Simone, por exemplo (ou as muitas dezenas dos casos destacados por Efreim Filho) – podem sugerir que a motivação do crime não seria a sua visível causa imediata (em Simone, o assalto ao salão de beleza), uma vez que, para isso, não haveria a necessidade de se desferir nenhuma facada, já que a vítima não reagiu ao assalto. As doze facadas, segundo minha interpretação, quem sabe, não visassem apenas matá-la (uma facada no lugar certo já faria isso), mas matá-la de forma violenta e exemplar porque junto se estaria “matando” um pouco daquele sujeito que é parte de uma espécie (FOUCAULT, 1987) incômoda e nefasta.

Este acontecimento marcou, de maneira indelével, a vida da interlocutora, uma vez que os ferimentos deixaram sequelas que comprometeram sua saúde, especialmente, algumas de suas funções motoras. A partir deste tempo, Simone também começou a apresentar uma debilidade clínica motivada por outras razões. Algumas delas dizem respeito ao fato de, em sua juventude, ter feito o uso de diferentes hormônios para alterar o corpo masculino e construir uma aparência mais feminina⁶. Seu desejo era, primeiramente, ter *peito e bunda*,

6 Sobre transgêneros, de maneira geral, nos Estados Unidos, há um artigo muito interessante de James I. Martin e D. R. Yonkin (2006). Nele, os autores tratam de uma série de temáticas que comporiam a identidade destes sujeitos. Um dos temas abordados, e que dialoga com as lembranças de Simone, é o processo de feminização a partir da utilização de hormônios. Os

conforme conta. Muito embora não se considere travesti, ela diz ter alterado o corpo para se aproximar *da mulher que queria ser* quando jovem. Este fato, o de ter *peito e bunda*, como as mulheres, a capacitava a conquistar alguns dos homens que lhe pareciam mais interessantes, isto é, os soldados.⁷ Foi neste momento que começou o processo de transformação de Simone. Este momento, em que as mudanças começam a ser operadas no corpo, nos Estados Unidos, segundo Loree Cook-Daniels (2006), é chamado, pela “comunidade trans”, de *transition*:

[...] transition is a more important concept for the trans community. Transition usually refers to a process during which a person is perceived as changing (or having changed) hir gender identity from either femal to male or male to female (COOK-DANIELS, 2006, p. 21).⁸

No caso de Simone e de uma outra amiga, já falecida, durante a *transition* delas, nunca fizeram a utilização de silicone, como foi próprio de outras interlocutoras de minha pesquisa cujo objetivo era o de alterar e modelar o corpo. Elas usavam hormônios na forma de comprimidos. Estes hormônios faziam com que crescesse o *peito*, tomando o formato dos seios de uma mulher, mas também fazia com que crescesse a *bunda*, com contornos, igualmente, semelhantes ao de um corpo feminino. No entanto, talvez a utilização, sem acompanhamento médico, destes medicamentos, a longo prazo, tenha causado os efeitos colaterais sentidos hoje, na velhice, isto é, retenção de líquidos, motivada por diversos problemas circulatórios, que acabou por gerar a perda das extremidades dos pés. Hoje Simone caminha apenas com a planta dos pés.

Alguns interlocutores⁹, popularmente, ao se referirem ao caso de Simone dizem: *o silicone desceu. Foi um horror. Sabe-se, pois, com base na fala de Simone, que não houve a utilização de silicone e que a razão para a perda das extremidades pode ter sido um efeito colateral da má circulação e da retenção de líquidos*

autores mostram que alguns efeitos colaterais, tais como os apresentados por Simone, foram recorrentes em algumas pessoas no começo destas práticas, momento em que não havia maior cuidado ou controle sobre a técnica.

7 Em pesquisa realizada com travestis mais velhas na área de Gerontologia, Pedro Paulo Sammarco (2010), mostra como elas “constroem” seus corpos por meio de um “longo trabalho de engenharia física”. Segundo o autor, as alterações começam na adolescência e as primeiras partes a serem alteradas seriam mãos e cabeça, além de um cuidado com pelos que sofrem uma diminuição à medida que começam a fazer o uso de doses de hormônios femininos (altas doses de progesterona e estrógeno), fato este que tem início, igualmente, na adolescência. Paralelo a estas mudanças, se inicia a utilização de uma indumentária específica e mais feminina, prática conhecida como “montar-se” e trabalhada por inúmeros autores, entre eles Siqueira (2004), Benedetti (2005), Kulick (2008), Duque (2013) etc.

8 Interessante que, no artigo, é utilizado o pronome neutro *hir*. Ele é usado no texto tanto para referir-se ao masculino, ao feminino e a sujeitos que se autoidentificam para além destes gêneros.

9 A pesquisa é composta por quatro grupos de interlocutores: os homens de mais de sessenta anos; o grupo dos interlocutores de quase sessenta anos, os interlocutores que estariam na chamada meia idade; o grupo do mundo do samba, do qual Simone faz parte, que são as pessoas ligadas, mais organicamente, ao carnaval; e, por fim, os contatos estabelecidos por meio da internet.

provocadas por tais práticas. No entanto, com o começo da *era do silicone*, e todos os mistérios que a rondavam, popularizou-se a ideia de que seu uso, com o tempo, provocaria uma *descida e graves problemas*. Entre estes problemas, estava a *perda de parte dos pés e diferentes tipos de câncer*. Embora sem qualquer comprovação técnica e científica, esta era uma visão muito popular na cidade e dominava a compreensão do senso comum que assim explicava o caso de Simone. A interlocutora conta ainda que outra situação, que pode ser derivada do uso indevido dos hormônios, é o que ela chama de *dilatação do coração*, o que dificulta a sua respiração e a tem levado, constantemente, a internações no hospital.¹⁰

Todavia, ela lembra que, na juventude, não pensava nas consequências daqueles atos que pareciam *inofensivos e quase mágicos*. Ela se olhava no espelho e via as mudanças. Sentia-se *poderosa*. Mais *poderosa* ainda, porque *era natural*. Era o seu corpo que se modificava. Diferente das travestis, que *injetavam silicone industrial, desmaiavam um monte de vezes, quando não morriam*. As travestis com mais recurso, conta a interlocutora, *se cortavam para colocar as próteses*.¹¹ Ela nunca fez nada disso. Ela era *mulher natural*. Hoje reflete que, talvez, não tivesse feito tudo o que fez, pois *é na velhice que você sofre os resultados*.

Algo me chamava a atenção nestas saliências e reentrâncias de Simone, no entanto: a ausência de um processo de *saída do armário*. A impressão que tive, ao longo de todas as conversas, fora de que a interlocutora sempre estivera *fora do armário*. O processo de assumir-se com conduta homossexual não parecia algo que merecesse qualquer destaque. No caso desta interlocutora, a teorização sobre *armário* (SEDGWICK, 1998) perdeu o sentido, mas não se trata, igualmente, de um *wardrobe*, como propõe HALBERSTAM (1998).¹²

No campo das analogias com móveis, talvez, Simone se assemelhe mais a algo como uma *cristaleira*, sempre visível, onde tudo o que está dentro é passível de observação aos que estão olhando. Difere-se do *armário*, porque

10 Segundo Benedetti (2005) e Sammarco (2010), se, por um lado, a ação dos hormônios desenvolve seios, arredonda quadris, braços, pernas, afina a cintura, reduz pelos, redistribui a gordura pelo corpo, suaviza joelhos, diminui testículos, pênis e “mexeria com o íntimo” da pessoa as fazendo mais femininas; Por outro, porém, entre alguns possíveis efeitos colaterais, estariam o inchaço nas pernas, a retenção de líquidos, diminuição do apetite sexual, dificuldade de ereção, fome, varizes, preguiça, apatia, irritação.

11 Sobre o silicone industrial, as primeiras próteses e as chamadas *bombadeiras* (travestis mais velhas que injetavam o silicone nas mais novas), ver Benedetti (2005) e Antunes (2010).

12 Segundo Eve Sedgwick (1998), o dispositivo do armário (*closet*) seria um conjunto de elementos, práticas, ações, códigos que, de alguma forma, foram responsáveis pela opressão de pessoas com condutas homossexuais ao longo do século XX. Este dispositivo seria responsável por manter a experiência da “homossexualidade” de tais sujeitos em segredo. Por outro lado, Judith Halberstam (1998) conceitua o guarda-roupa (*wardrobe*) como algo menos hermético do que o *closet*. O “guarda-roupa” de Halberstam não é um dispositivo que, de alguma forma, enclausura os sujeitos. Entendo que a partir do *wardrobe*, em vista das eleições que podem ser feitas de maneira reiterada ao longo dos dias, há uma liberdade maior aos sujeitos e, mais que isso, não há nada guardado no “armário”, mas à mostra no “guarda-roupa”. Quer dizer, não é necessário fazer algum tipo de revelação fundadora de uma conduta homossexual, pois esta conduta já estava dada. As personagens analisadas por Halberstam (1998) escolhem no *wardrobe* os códigos que as associam ao masculino e tornariam sua conduta homossexual visível e vestem-se deles.

não há nada guardado. Difere-se do *guarda-roupa*, porque você não faz uso dos cristais diariamente e nem os fica manejando com recorrência. Mas você sabe que eles estão lá. No entanto, a *cristaleira* confunde as dimensões de interno/externo, pois estes dois espaços parecem a continuação um do outro. É assim que consigo pensar o caso de Simone. Ela nunca *saiu do armário*, ela nunca *passou por* (DUQUE, 2013). Ela sempre foi *bicha*, *bastante afeminada*, conforme lembra. E no começo da adolescência queria *virar mulher*. A performance mais feminina do menino foi incomodando a família até ocorrer o rompimento e ela ser expulsa de casa.

Segundo conta, o rompimento com a família de origem dera-se aos 13 anos de idade, quando percebera que precisava começar a *explorar os seus desejos* e, nos limites de casa, isso não seria possível. As razões apontadas para a saída de casa foram a *necessidade de liberdade* e as *diferenças* que a afastavam do restante da família. A família não *aceitava*, ou *não entendia*, aquele *filho afeminado*, que começava a *insinuar-se para os homens da fazenda*. Logo, para não gerar maiores constrangimentos aos familiares, Simone então sai de casa e vai *batalhar pela vida*.

Dos tempos da fazenda onde nasceu, em um distrito de Corumbá, no meio do Pantanal, Simone lembra dos homens para os quais sempre *olhou* com algum *entusiasmo e desejo*. Em um primeiro momento, parecia-lhe *estranho*, mas, à medida que foi *crescendo*, entendeu que era *atração sexual* o que lhe movia. Desde muito nova, como conta, já pensava em *sexo com os homens*. *Lá dentro de mim, eu queria mesmo era amigar com eles. Mas não via ninguém assim, era esquisito*. A inspiração, no entanto, vinha da realidade que ela observava nas cercanias. Ela assim me relatou:

Vou contar uma história pra você. Eu, quando tinha, as pessoas falam que a bicha já nasce, né. Eu acho que eu nasci. Eu morei em fazenda até os meus doze anos. Fazenda. Na fazenda eu não sabia, doze anos, eu não sabia o que que era gay, o que que era sapatão. Não sabia nada disso. Eu já sentia, como é que é, eu sentia atração por homem. Na fazenda. Nunca tinha. Em colégio não ensinava. Nada. Eu era pequena e eu já sentia atração por homem. Então, nós morávamos, eu morava na fazenda. E tinha um monte de peão. Então, tinha os peões da fazenda, aí os peões iam tomar banho no rio. Aí, minha mãe falava: 'vai tomar banho, Antenor'. Aí eu falava: 'não, eu vou esperar os peões chegar pra ir pra beira do rio'. Só pra eu ver os peões nu. Quando eu via, por exemplo, um touro 'coisando' na vaca, eu nunca sentia vontade de ser o touro. Eu já sentia vontade de ser a vaca. Eu era pequeno, bicha. Era pequeno. Na fazenda não tinha gay, não tinha nada disso. Eu tinha vontade de pegar os peões, porque tinha cada guri lindo.

Simone tenta explicar o fato de ter encarado a sexualidade com *naturalidade* em sua vida. Esta explicação vem repleta dos elementos que com-

punham o seu universo de relação, bem como a explicação essencialista e pré-discursiva para a orientação sexual, que se materializaria no desejo pelos peões ou mesmo pela fantasia zoófila de ser a vaca do touro. A interlocutora refere-se à falta de referência sobre as condutas homossexuais para justificar uma espécie de essência da *bicha* na zona rural, que já *nasceria assim*, pois, segundo ela, não havia qualquer tipo de estímulo a isso (Augustín 2005, 2007; Piscitelli 2011).

Um dos poucos trabalhos que falam sobre sexualidade e mundo rural é o de Paulo R. Ferreira (2006). Nele, o autor mostra o descolamento entre práticas sexuais e uma suposta identidade de “bicha” ou “viado”. Estas categorias, lá no sertão do Cariri, eram impensadas, muito embora o encontro sexual entre “machos” e “afectos mal-ditos” ocorresse de forma recorrente, sempre sob “sigilo”, todavia um sigilo muito ruidoso, em que, a rigor, a prática da “negação” era deliberada entre os participantes dos “esquemas” e as demais pessoas da cidade não envolvidas diretamente neles. Este universo é um pouco próximo do mundo de Simone. Não era o fato da inexistência de *bichas* que inviabilizava as práticas sexuais com alguns homens do lugar.

Pensando trajetórias: visibilidade, conquistas e infortúnios

Esta *naturalidade* de buscar *ser mulher* teria tornado inevitável o rompimento com a família e um deslocamento para a cidade acabou por se impor. É como se aquele sujeito, muito visível e muito destoante dos demais, fosse impensável naquele grupo social, quase um ser abjeto naquele contexto. Para tanto, para *chegar a ser quem sonhava*, fora preciso realizar modificações pontuais no corpo. A ida para Corumbá não foi repleta de facilidades, pois, além de muito nova, Simone precisava se sustentar sem a ajuda dos pais. Naquele momento, fora iniciada na aventura do trabalho tarifado do corpo para fins sexuais.

Ela me contou que morava em uma pensão no centro de Corumbá, onde viviam pessoas solteiras, alguns militares e mulheres que trabalhavam no mercado do sexo local. Ela conseguiu um emprego em uma lavanderia. No entanto, o salário pago mal cobria as despesas com o quarto e com a alimentação precária. Ali, no contato com as mulheres do mercado do sexo, que viviam na pensão, descobriu a possibilidade de se prostituir, pois já era notória a sua conduta homossexual.

Simone, com 13 e 14 anos, acabou mantendo relações sexuais com homens mais velhos, que ele chama de *velharada*, em troca de dinheiro. A justificativa para tais relações eram as dificuldades econômicas motivadas pela

recente saída de casa. Segundo ela, *prostituição não dava muito dinheiro. Mas eu fazia porque queria o dinheiro. Eu só pegava estes caras adultos, velhos, casados. Ela diz que se vestia de mulher, pois gostava de parecer mulher e os homens ficavam loucos. Mas fazia isso apenas para trabalho.*¹³

Simone fala, com certo orgulho, de sua performance, quando jovem, diante dos *velhos* que *corriam atrás* dela em face de sua suposta beleza e talentos sexuais. Além disso, considerava-se em vantagem, justamente, por sua juventude e por conseguir ganhar dinheiro com isso. Interessante que esta é uma das queixas de alguns de meus interlocutores, isto é, que os jovens estariam interessados não no sujeito, posto que mais velho, mas nos benefícios que este homem mais velho poderia oferecer, sobretudo, tratando-se de recursos financeiros. Este parece ter sido o caso de Simone, quando estava vivendo momentos anteriores do curso da vida e classificava-se como *novinha*.¹⁴

A vivência no mercado do sexo, segundo conta a interlocutora, teria durado não mais que dois anos. Tempo suficiente para fazer amizade com outras *bichas* mais experientes, que também trabalhavam como cabeleireiras. Simone tornou-se ajudante de uma e aprendeu o ofício. Fez alguns cursos e conseguiu abrir o seu próprio salão de beleza em Corumbá. Os ganhos como cabeleireira foram suficientes para abandonar de vez a prostituição e acumular algum dinheiro que lhe permitira ter uma vida que ela qualifica de *ótima*. *Era ótima a minha vida. Olha, eu tive carro. Eu tinha poder, tinha dinheiro.*

Nesta vida *ótima, de poder e dinheiro*, ela fora *considerada*, em Corumbá, não apenas como cabeleireira, mas como uma *bicha famosa*. Este reconhecimento, por parte não apenas dos iguais, parece ser uma busca de alguns de meus interlocutores. A admiração externa funcionaria como uma legitimação e um balizador de uma vida de sucesso. Junto com a *fama local*, conseguiu aglutinar ao seu redor uma série de outras *bichas*, porque *elas sempre gostaram da minha fama, além de muitos homens*. Seus *bofes* foram incontáveis. O envolvimento com *militares* era uma constante, geralmente, ao finais de semana, quando passavam em sua casa, com suas *amigas*. Ela assim relembra:

Olha, eu tinha noites, eu tinha um carro, eu tinha um Opala. Na época eu ia três, quatro, cinco vezes no motel. Aguentava todas as vezes, lógico. A gente ia e volta-

13 Sobre estas questões, ver os trabalhos de Green (2000), Carvalho (2011) e Soliva (2012).

14 As questões postas a partir das relações intergeracionais, em que, supostamente, haveria a necessidade de um *plus* dos homens mais velhos para tornarem-se interessantes e desejados aos homens mais jovens aparece em muitos dos trabalhos que problematizam esta questão no Brasil. Se estas questões não são a tônica dos trabalhos, elas, com bastante recorrência, aparecem como possibilidades aventadas em todos eles. Ver, por exemplo, Simões (2004); Paiva (2009), Mota (2011), Pochay (2012), Henning (2014), Duarte (2013), Soliva (2012), etc. Além disso, estes trabalhos conservam uma relação muito próxima com a pesquisa paradigmática de Néstor Perlongher (1987) realizada na cidade de São Paulo sobre a prostituição viril, onde as relações intergeracionais entre *michês* e *clientes* eram muito presente.

va. Eu dava uma volta em Corumbá. Aqui [Ladário], aqui é parado. Mas Corumbá tem muito bofe. Vou te falar uma coisa: Corumbá não parou. Depois do problema de aids, mesmo assim seguiu forte. Andava no centro, ali, tudinho. Rodava aquele centro ali. Passava lá de frente do Corumbaense. Tudo filhinho de papai. Aí eles gritavam: Simone, Simone. Aí já parava, já pegava, já sumia. A bofaiada ficava tudo lá na frente. Tudo lá em Corumbá já passou por mim (Simone, 67 anos).

A estratégia adotada por Simone para sua vida foi a da visibilidade. Desde muito jovem, não escondeu sua conduta homossexual e buscou espaços possíveis para existir como uma *bicha*. Estas opções a levaram à prostituição, depois ao trabalho como cabeleireira. Estes são alguns clichês atribuídos a homens com condutas homossexuais nas cidades de interior: serem afeminados, trabalharem como cabeleireiros, prostituírem-se e envolverem-se com o carnaval. Simone não escapou deste “destino”. Isso, de modo algum, pareceu-lhe, em algum momento, desabonador. Pelo contrário, fala com orgulho de sua trajetória que começa com o mercado do sexo e culmina com o *dinheiro* e *poder* conferidos por seu trabalho.

A fala de Simone sugere que, quando ela era mais jovem, a relação com os homens da cidade não era mediada por trocas financeiras, algo que ela vê como mais comum em momentos mais avançados do curso da vida. Outro fato relevante é o encontro com os *filhinhos de papai da cidade*, segundo ela, *gurizada hêtero*, mas que gostava de *comer as bichas*. A visibilidade de Simone, ao que tudo indica, não melindrava os *homens* com os quais ela se envolvia, talvez, porque ficasse claro aos outros *homens* que eles embarcavam no carro de Simone para *comê-la* no motel. E, com base dos estudos de Peter Fry (1982), podemos dizer que esta prática não “colocava em risco” a “heterossexualidade”, tampouco a masculinidade do *homem*, pelo contrário, a reafirmava.

Além disso, a reflexão da interlocutora permite a percepção de que a categoria classe foi algo relevante ao longo de sua vida. De uma ascensão da pobreza, rumo à conquista de *dinheiro* e *poder*, até o refluxo de tudo isso, em um declive que a levou outra vez à pobreza, agora, já na velhice. No entanto, ter dinheiro foi importante para ser uma *bicha glamorosa* e conquistar os *homens*, sejam aqueles *filhinhos de papai*, sejam os *soldados* que levava para casa. Em ambos os casos, há um trânsito interclasse, pois Simone não era rica de origem, como os garotos que *pegava* em frente ao clube, mas também não era mais uma *pobre*, como eram os soldados.

As reflexões que intersectam marcadores produtores de diferença social já aparecem nas pesquisas sobre gênero e sexualidade no Brasil desde os trabalhos de Peter Fry (1982) e Néstor Perlongher (1987), para ficarmos apenas nos principais. Nestas pesquisas, este trânsito funciona como um elo que

aguça o desejo. Entre tantos *tensores libidinais*, como diria Perlongher, a classe era uma mostra de como o desejo não respeita as fronteiras demarcadas pelo róseo cultural estabelecido. Algo muito interessante, que dialoga com esta percepção, foi trabalhado por Anne McClintock (2010). Naquela oportunidade, a autora relacionava os marcadores de classe com gênero e raça, na tentativa de mostrar como estas categorias funcionam de maneira articulada, o que produz sentido diferente de pensá-las de maneira isoladas ou sobrepostas.

Este emaranhado de categorias esteve presente nas aproximações performáticas da interlocutora com os *homens*. Segundo ela, o sucesso com os *homens* da cidade se dava pelo fato de poder *dar uma boa condição para aqueles que se aproximavam*. Além disso, dizia que *as bichas que apareciam na cidade eram muito poucas*. Como ela sempre aparecia, conseguia muitos *homens*. Ainda se vivia um tempo, como lembra a interlocutora, em que o sexo entre namorados com condutas heterossexuais não era comum, a prostituição nos *puteiros* era *cara* e a prostituição de rua era vista como perigosa.

Estas lembranças da interlocutora são anteriores ao surgimento da epidemia de hiv-aids. Simone conta que, antes da *aids*, ninguém se preocupava com as doenças sexualmente transmissíveis. A maioria das pessoas, na opinião dela, nem sabia da existência. Ela classifica o aparecimento do hiv-aids como algo *terrível*. Ao mesmo tempo, diz que no período posterior ao hiv-aids parecem ter surgido *mais bichas*. Ela assim explica:

Aí eu acho que as bichas saíram tudo da casca. Aí, como tem. Meu deus, foi só surgir o negócio de aids. As bichas tudo se revelaram. E aqui em Ladário morreu bastante. Eu tava lá pra Corumbá. Aqui em Ladário morreu bastante bicha. Eu passei longe da aids, graças a deus. Mas na época, se tivesse de pegar, eu tinha pego. A gente não sabia. Eu tinha pego e não sabia. Depois que surgiu, aí todo mundo se acomodou um pouco, né. Eu tive vários parceiros. Eu ficava com medo. Eu fiz vários exames. Eu tinha medo, mesmo, mesmo.

A falta de informação, o grande número de parceiros, bem como as relações sexuais desprotegidas teriam sido, na opinião da interlocutora, a razão para infecção de muitos amigos, bem como a posterior morte destas pessoas. Ela considera-se com a *sorte* de não ter sido uma das vítimas da síndrome, uma vez que ela também não tomava os necessários cuidados. Simone aponta que as mudanças começam a ocorrer apenas a partir do *medo* de *ser o próximo a adoecer e morrer*. Naquele momento, a ideia era exatamente esta: *quem adoecia, logo morria*. Isso fez com que muitos de seus amigos, e ela mesma, *tomassem consciência* e fossem obrigados a *manejar*, além de necessitar conhecer melhor as pessoas com as quais se envolviam. Hoje, diz ela, *é difícil você ouvir: ah, fulana, bicha antiga, pegou aids. Porque a pessoa já tá mais moderada*.

O grupo de pessoas com os quais ela se relacionava viveu os primeiros tempos da epidemia, eles estavam no entorno dos 30 anos.

Com relação à doença, o que Simone observa e pondera não é diferente do que fora observado em algumas pesquisas anteriores realizadas em diversos lugares do Brasil que, por sua vez, também guarda semelhança com o que fora observado nos contextos estadunidense e europeu (Simões, 2004; Meccia, 2011; Green, 2000; Henning, 2014; Soliva, 2012; Weeks, 1983; Paul, Hays, Coates, 1995; Gorman e Nelson, 2004).

Em todos estes trabalhos, em maior ou menor medida, a epidemia de hiv-aids aparece associada à lembrança de ter operado como um *freio* a um estilo de vida mais livre e de muita experimentação sexual. Ela também é associada à morte. Muitos amigos, companheiros, pessoas próximas foram vitimadas rapidamente. Igualmente, para além das pessoas com conduta homossexual, o hiv-aids apareceu como a sentença de culpa que, quem sabe, ainda faltasse para que a “homossexualidade” fosse, definitivamente, encarada como uma conduta socialmente reprovável.

Por outro lado, ainda que passando ao largo do hiv-aids, para Simone, esta vida movimentada, de muitos homens, de muitos gastos com estes homens, de muitas festas, de muitas viagens, de muito *poder* e reconhecimento, teve seu prazo de validade vencido. A partir do momento em que sofrera o atentado, diante das sequelas que tal acontecimento lhe gerou, tanto físicas como psicológicas, a vida de Simone começou a sofrer uma série de reveses. Muitos amigos sumiram, já que diminuíram as festas, as *farras* e as viagens.

Ela deixou de circular pelos espaços de sociabilidade, deixou de ser vista e de ser lembrada. Os homens também sumiram, inclusive algumas de suas paixões. Por fim, diante da impossibilidade de trabalhar, pois não teria condições de permanecer muito tempo em pé, o dinheiro que lhe conferia *poder* também começou a ir embora. Precisou se desfazer de alguns poucos bens, inclusive seu carro, até chegar à condição atual: de miséria e necessitando da ajuda de familiares, já que não conseguiu economizar nada durante a vida. Todos os seus recursos foram usados para ter a *vida boa* da qual sente tanta saudade.

Ela não pestaneja em atribuir a sua falta de cuidado com o uso indiscriminado de hormônios como a responsável pela sua condição atual. Como lembra, a falta de saúde é que lhe impossibilita de trabalhar e era com o trabalho que ela conseguia os meios necessários para ter a *boa vida* com a qual sempre sonhou e conquistou: a vida de *bicha glamorosa* na cidade. Uma vida visível, pois, como me dizia: *eu não queria ser a bicha nas madrugadas. Eu queria ser bicha todo dia e eu fui bicha todo dia. E fui respeitada, porque eu era uma cabeleireira talentosa.*

Considerações Finais

A trajetória de Simone nos permite concluir que o preconceito existe nas cidades de interior. No entanto, também nos aponta que é preciso vencer o preconceito que cada um tem contra si mesmo. Sobre isso ela diz: *esse eu venci com 13 anos*. Ao longo das páginas, a interlocutora apresentou o desejo de reestabelecer a sua saúde de modo a ter de volta a vida de outrora. Vida em que a casa que tivera *vivia* cheia de gente, em uma *falação* sem fim de *bichas correndo atrás de bofes*. Um tempo de liberdade e movimento, gravado em sua memória, que em muito contrasta com o pequeno cômodo que divide com seu cachorro e com os lentos movimentos que consegue fazer entre a saída da cama até à porta da geladeira. Tudo isso ao som de longos suspiros cansados e doídos, resultados de um *coração dilatado*.

Simone mostra o trânsito de uma vida “fora do armário” em uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul. A estratégia adotada pela interlocutora para se inserir na sociedade foi por meio do trabalho e do reconhecimento recebido por ele. Com o avanço no curso da vida e com as debilidades provenientes de doenças variadas, viu-se incapacitada de prover seu próprio sustento e observara transformações radicais que a levaram à pobreza, perdendo o *poder*, o *dinheiro* e o *glamour* que lhe garantiam certo destaque em seu grupo de relações.

Há uma série de elementos que podem ser destacados a partir da experiência de Simone. As convenções de gênero e sexualidade, por exemplo, fizeram-na construir um estereótipo feminino para que se aproximasse do que ela *sonhava ser*, sem, contanto, negar o gênero designado ao nascer. Por outro lado, parece interessante refletir sobre os caminhos que a levam a voltar a *ser* Antenor e a abandonar de modo público as performances como Simone. Talvez a trajetória da interlocutora dê pistas de que o caráter imprescindível da migração para os grandes centros urbanos possa ser relativizado. Nesse sentido, seria possível refletir, à luz do que ocorre em outros contextos, sobre as complexidades não tão aparentes, mas que emergem nas cidades de interior, como as que analiso na pesquisa. Esta perspectiva, quem sabe, mais do que lançar luz sobre oposições basilares, pode descortinar as pontes que permitam diálogos frutíferos.

Referências

- AGUSTÍN, Laura. **Trabajar en la industria del sexo - Y otros tópicos migratorios**. Donosti: Tercera Prensai, 2005.
- AGUSTÍN, Laura. **Sex at the Margins: migration, labour markets and the rescue industry**. New York: Zed Books, 2007.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis que envelhecem**. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CARRARA, Sérgio. O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o 'Lugar' da Homossexualidade. In. GROSSI, Miriam Pillar [et al.](org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.
- CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **"Que mulher é essa?": identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social: Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- COOK-DANIELS, L. Trans Aging. In. KIMMEL, D; ROSE, T; DAVID, S. (orgs.). **Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Aging: research and clinical perspectives**. New York: Columbia University Press, 2006. p. 20-35
- DEBERT, Guita. **A Reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- DUARTE, Gustavo de Oliveira. **O "Bloco das Irenes". Articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento**. Tese (Doutorado em Educação). PPGE, UFRGS. Porto Alegre, 2013.
- DUQUE, Tiago. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH-PPGCS. Campinas-SP: Unicamp, 2013.
- EFREM FILHO, Roberto. Corpos Brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **SPG15 – Sexualidade e gênero: espaço, corporalidades e relações de poder**. In: 37º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Águas de Lindóia-SP, 2013.
- FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. **Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade de Brasília: Brasília, 2006.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. O nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANÇA, I. L. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.
- FRY, P. Para Inglês **Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo. Ensaio sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GORMAN, E. Michael; NELSON, Keith. From a far place: social and cultural considerations about HIV among midlife and older gay men. In. HERDT, Gilbert; VRIES, Brian de.(orgs.). **Gay and lesbian aging: research and future directions**. New York: Springer Publishing Company, 2004. p. 73-93
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HALBERSTAM, Judith. **Female masculinity**. London: Duke University Press, 1998.
- HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: Envelhecimento, Meia Idade, Velhice e Homoerotismo Masculino na Cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2014.
- KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- MARTIN, James; YONKIN, D. Transgender identity. In. MORROW, Deana; MESSINGER, Lori (orgs.). **Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people**. New York: Columbia University Press, 2006. p. 105-128.
- McCLINTOCK, A. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MECCIA, Ernesto. **Los últimos homosexuales. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad**. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.
- MOTA, Murilo. **Homossexualidades masculinas e a experiência de envelhecer**. Tese (Doutorado em Serviço Social). PPGESS, UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

- PAIVA, Crístian. *Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos*. In: **Revista Bagoas**. N.4. CCHL:UFRN, 2009.
- PAUL, J.P.; HAYS, R. B.; COATES, T. J. *The impact of the HIV epidemic on U.S. gay male communities*. In: D'AUGELLI, A.R.; PATTERSON, C.J. (orgs.). **Lesbians, gays and bisexual identities over the lifespan: psychological perspectives**. New York: Oxford, 1995. p. 347-397
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê. A prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PISCITELLI, A. **Intercâmbios acadêmicos, sexuais e afetivos transnacionais: brasileiros nos mercados globais do sexo**. In: IV CONGRESO DE LA RED INTERNACIONAL DE MIGRACIONES E DESARROLLO – CRISIS GLOBAL E ESTRATEGIAS MIGRATORIAS: HACIA LA REDEFINICIÓN DE LAS POLÍTICAS DE MOVILIDAD. Vol. 1. p.1-35. Quito: Equador, 2011.
- POCAHY, Fernando. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese (Doutorado em Educação). PPGC, UFRGS. Porto Alegre, 2011.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia del armario**. Barcelona: Ediciones de La tempestad, 1998.
- SIMÕES, Júlio Assis. **Entre o lobby e as ruas: movimento de aposentados e politização da aposentadoria**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH-PPGCS. Campinas: Unicamp, 2000.
- SIMÕES, Júlio Assis. *Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais*. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SIQUEIRA, Monica S. **Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS, UFSC. Florianópolis, 2004.
- SOLIVA, Thiago Barcelos. **A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). PPGSA, UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- WEEKS, Jeffrey. *Os Problemas dos Homossexuais Mais Velhos*. In.: HART, John; RICHARDSON, Diane (orgs.). **Teoria e prática da homossexualidade**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1983.

Recebido em 4 de novembro de 2014

Aceito para publicação em 3 de março de 2015